

## Em busca do tempo nas ruas e praças de São Paulo

Fraya Frehse

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3103>

DOI: 10.4000/pontourbe.3103

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Referência eletrónica**

Fraya Frehse, « Em busca do tempo nas ruas e praças de São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3103> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3103

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

---

# Em busca do tempo nas ruas e praças de São Paulo

Fraya Frehse

---

- 1 Levando em conta que, desde o início de minha carreira acadêmica, venho trabalhando sobre aquilo que de maneira bastante generalista costumamos sintetizar como usos dos espaços públicos urbanos, parece evidente que, sendo o tema em questão aqui os espaços públicos, cabe a mim mostrar-lhes o que tenho descoberto sobre essa temática por referência a São Paulo. De fato, é esse o meu objetivo aqui, para ampliarmos ainda mais o leque de interpretações sobre esse assunto nas duas cidades, São Paulo e Cidade do México.
- 2 Mas esse é o meu objetivo mais abrangente. Considerando os objetivos deste dossiê, gostaria de aproveitar a ocasião para relacionar a minha trajetória de pesquisa sobre tal temática com a própria cidade de São Paulo; ou melhor, com o meu viver e trabalhar ali. A questão teórica de fundo diz respeito a *como* o nosso cotidiano, de pesquisadores urbanos, nas cidades em que vivemos, repercute em nossa trajetória de pesquisa sobre tais cidades. Será que gosto pessoal, posicionamento político e uma determinada socialização acadêmica bastam para elucidar as nossas opções teóricas e metodológicas? Evidentemente não desmereço tais aspectos, com os quais também lido em meu dia a dia de pesquisa. Em particular a preocupação social é crucial para a opção profissional pelas ciências sociais – como gostava de lembrar Florestan Fernandes (1963:309): “só vê algo sociologicamente quem quer algo socialmente”.
- 3 O argumento aqui, entretanto, é de que há mais em jogo. Refiro-me a inquietações intelectuais advindas de nosso modo de viver e trabalhar nas cidades sobre as quais desenvolvemos nossas pesquisas. São, de fato, buscas teóricas forjadas também em nossa *condição urbana* em tais cidades, por assim dizer, se assumirmos, com Henri Lefebvre ([1968] 2009:47; 1970, *passim*), o “urbano” referência metodológica para refletir sobre as contradições históricas que impregnam a vida cotidiana na cidade como espaço que ao mesmo tempo favorece e dificulta de maneira privilegiada o encontro e a simultaneidade das diferenças que particularizam a cidade como espaço, um produto social e historicamente específico.<sup>1</sup>

- 4 No intuito de problematizar a mediação que tal condição urbana exerce nas investigações que produzimos sobre nossas cidades, assumirei como referência empírica a minha própria trajetória pessoal e investigativa em relação a São Paulo. Qual o impacto que viver e trabalhar nessa cidade tem exercido sobre as minhas próprias escolhas de pesquisa?
- 5 Responder tal pergunta não prescinde de um estranhamento antropológico e sociológico de minhas próprias inquietações intelectuais em relação a essa cidade. Ou seja, cabe situá-las cultural e socialmente na história recente de São Paulo – ou melhor, na cidade a partir dos anos de 1970, quando nasci e ali passei a viver e, posteriormente (desde o início da década de 1990), a trabalhar como pesquisadora devotada às ciências sociais.
- 6 É nesse sentido que a problematização aqui visada acaba por tangenciar um gênero específico de pesquisa e escrita antropológicas: aquilo que Carolyn Ellis e Arthur Bochner (2000:739) há mais de dez anos denominaram autoetnografia, ou seja, um “gênero autobiográfico de escrita e pesquisa que expõe múltiplas camadas de consciência, conectando o pessoal ao cultural”. Só que aqui, dado o propósito mais abrangente desta apresentação – compartilhar com vocês minhas descobertas sobre os usos das ruas e praças públicas –, a autoetnografia figura mais como perspectiva epistemológica do que como orientação metodológica a ser perseguida de modo sistemático. Com efeito, ela sinaliza para a importância teórica da contextualização sociocultural de detalhes pessoais da trajetória do pesquisador.
- 7 E eis que desemboco no argumento específico que pretendo aqui desenvolver. Estranhar “autoetnograficamente” a mediação de São Paulo em minhas próprias inquietações intelectuais em relação a essa cidade evidencia que a escolha investigativa dos usos das ruas e praças públicas em particular do centro histórico paulistano, mas também a abordagem específica que faço desses usos deriva, entre outros, de um impacto existencial bem definido que viver e trabalhar nessa cidade tem exercido sobre as minhas inquietações intelectuais. A São Paulo do presente em que vivo me interpela constantemente sobre a relatividade dos vínculos que o tempo nutre com o espaço.
- 8 Se tempo e espaço, em meio às múltiplas definições sociológicas e antropológicas que admitem, dizem respeito a relações entre bens (materiais e imateriais) que transcorrem respectivamente em sucessão ou contiguidade (Löv 2013:31), o fato é que, no que se refere às relações de simultaneidade entre os bens materiais que configuram o espaço físico, a São Paulo contemporânea é marcada por sequências bastante aceleradas de destruição dessa mesma simultaneidade. Ou, sendo menos teórica e mais direta: estamos em face de uma cidade cuja materialidade física impregnada em pedra é periodicamente revolvida da face da terra. Mas como essa velocidade se relaciona com os tempos de transformação das relações entre outros bens materiais e imateriais – em particular os seres humanos, seus modos de agir, imaginar, pensar?
- 9 O que pretendo aqui demonstrar é que perguntas como essa, muito ligadas a meu próprio modo de viver e trabalhar em São Paulo, também interferiram em minhas escolhas investigativas pelos usos das ruas e praças públicas paulistanas e, em particular, na abordagem teórica e metodológica específica que venho desenvolvendo acerca desse objeto.
- 10 Com este intuito, nada como começar pelos próprios usos; ou melhor, pelas buscas investigativas que tenho feito em relação a tal objeto desde que acerca dele comecei a pesquisar. Com base nesse panorama, virá para o primeiro plano uma inquietação intelectual específica acerca das relações entre tempo e espaço em São Paulo. É tal

inquietação que cabe, num segundo momento, contextualizar cultural e socialmente em *minha* história paulistana, pessoal e investigativa. Assim há como retornar aos usos anteriormente aludidos, só que agora imbuídos de descobertas analíticas definidas, indissociáveis de uma abordagem teórica e metodológica específica, que aproxima etnograficamente a fenomenologia goffmaniana e a dialética lefebvriana. À luz de todo esse percurso, conseguirei compartilhar com vocês, por fim, por que conhecer o DF, há um ano, foi uma experiência tão marcante em minha trajetória de pesquisa em relação a São Paulo, instigando-me justamente a propor à Embaixada do Brasil no México o Simpósio que hoje aqui concretizamos.

## Um breve panorama dos (meus) usos dos espaços públicos

- 11 Quando falo em usos dos espaços públicos paulistanos, refiro-me à plethora de comportamentos físicos e de interações sociais que caracterizam a presença humana em espaços socialmente significados como virtualmente “de todos”. É a articulação entre tais modos de servir-se fisicamente do corpo e de conviver socialmente com terceiros em particular em ruas e praças públicas, e que permite discernir aquilo que chamo de atividades sociais nesses lugares: o comércio ambulante, a mendicância etc.
- 12 Formulado nesses termos, o equacionamento conceitual ressalta precisamente a dimensão corporal da presença humana nos lugares públicos. Em particular tem me interessado a densidade histórica das regras relativas aos comportamentos físicos e às interações sociais em ruas e praças. Em termos teóricos, trata-se da historicidade – do ritmo, em termos lefebvrianos (Lefebvre 1992:56), das transformações históricas, sequências de repetições indutoras de “maneiras” relativas à mudança social. Mas o que importa aqui é a historicidade das regularidades de natureza simbólica envolvidas, de um lado, naquilo que Marcel Mauss ([1936] 1997:365) denominou “técnicas corporais”, e, de outro, naquilo que Erving Goffman (1967:2) chamou de arranjos das “relações sintáticas” – de caráter comunicativo – “entre os atos e indivíduos em copresença física”.
- 13 Veremos adiante o quanto tal equacionamento deve à minha condição urbana em São Paulo. Por ora, interessa que ele resulta de toda uma trajetória investigativa prévia que venho empreendendo desde o início de minha formação em ciências sociais na Universidade de São Paulo (de agora em diante, USP). Trabalhei sobre temáticas variadas que, contempladas em conjunto e retrospectivamente, contribuíram todas para uma maturação teórica e metodológica que, mais recentemente, têm me levado a sintetizar na noção de “usos dos espaços públicos” o meu objeto primordial de pesquisa.
- 14 Ainda na Universidade de Colônia, na Alemanha, onde iniciei a minha formação universitária nas ciências sociais embora tenha nascido e crescido em São Paulo, realizei a primeira pesquisa de minha vida devotando-me ao modo como os moradores de rua daquela cidade se relacionavam, em seu dia a dia, com a Estação Ferroviária Central, onde passavam seus dias. Foi uma pesquisa eminentemente empírica, desprovida de qualquer aprofundamento teórico, mas que, noto hoje em dia, na verdade já se preocupava com o modo como tais sujeitos viviam física e socialmente um espaço público definido da cidade.
- 15 Transferi-me para a USP ao final do primeiro ano do curso em Colônia, para ali dar continuidade a minha formação em ciências sociais. Nesse novo contexto, a possibilidade em particular de uma segunda experiência de Iniciação Científica me conduziu a ampliar

o leque de usos do espaço que me interessavam. Realizei, entre 1995 e 1996, uma pesquisa sociológica sobre os padrões de sociabilidade dos usuários de anúncios de jornal relativos a encontros pessoais – de amizade e amorosos – em São Paulo.

- 16 Embora evidentemente não tão claro para mim naquele momento como hoje, a minha questão teórica girava em torno de compreender o destino de algumas conceituações então correntes na USP e próprias das sociologias europeia e norte-americana, frente à empiria dos encontros pessoais por jornal em São Paulo. Penso em particular em teorizações sobre sociabilidade na chamada cidade moderna baseadas na importância da impessoalidade e da solidão: da metrópole *blasé* de Georg Simmel ([1903] 1967), do “declínio do homem público” de Richard Sennett ([1974] 1988), entre outros. Ora, na própria Alemanha de então, análises sociológicas dos anúncios de encontros pessoais ressaltavam a relevância interpretativa de atributos interacionais próprios de sujeitos amplamente individualizados. Já o confronto com a realidade dos usuários do serviço em São Paulo trouxe para o primeiro plano a importância justamente do contrário: do culto à vinculação pessoal com terceiros, em particular a ânsia por diversão pela mediação do jornal – e sobretudo o papel das relações amorosas nisso. O primeiro contato que naquela época tive com a sociologia da vida cotidiana de Henri Lefebvre – no âmbito da disciplina “Sociologia da Vida Cotidiana” que José de Souza Martins, também presente neste dossiê, ministrou por décadas na USP (cf. em particular Martins 1997:156ss) – acabou me auxiliando na compreensão das contradições históricas envolvidas em usos tão não cotidianos da essencialmente cotidiana mídia por parte de representantes de certa classe média e média baixa (Frehse 1996).
- 17 Frente ao caráter múltiplo das soluções encontradas pelos assinantes para se (re-)encontrarem com terceiros em espaços públicos variados da São Paulo de então – sobretudo praças e parques, shopping centers e estações de metrô –, só ganhou a relevância, para mim, da questão das especificidades socioculturais da vida cotidiana nos espaços públicos da cidade, frente a todo o imaginário sociológico europeu e norte-americano dedicado aos vínculos entre modernidade e cidade pela mediação em particular dos usos cotidianos das ruas. Embora a São Paulo daquela década final de século XX fosse sempre propagandeada – pelo senso comum, pela mídia, pela política e mesmo por certas ciências sociais de então – como exemplo privilegiado de “cidade moderna” no Brasil, o que era mesmo essa modernidade, se contemplada na seara da vida cotidiana nos espaços públicos paulistanos?
- 18 Foi no intuito de estranhar os vínculos entre modernidade, cidade e espaço público na vida cotidiana em São Paulo que decidi retornar analiticamente, em minha pós-graduação em Antropologia Social, ao passado oitocentista dessa cidade. Foi esse o momento histórico em que, segundo a bibliografia especializada, São Paulo começa a apresentar evidências contundentes – e temporalmente concentradas em particular na segunda metade do século – do chamado “advento da modernidade”, depois de mais de três séculos de um dia a dia amplamente pautado em referenciais patriarcais e familísticos próprios dos povoamentos rurais de fortes raízes estamentais e escravistas que pontilhavam o interior do Brasil colonial.
- 19 Num primeiro momento (no mestrado, cf. Frehse 2005), busquei compreender como a chegada temporalmente concentrada de signos poderosos da modernidade nas ruas e praças (naquela época eram sobretudo largos<sup>2</sup>) do atual centro histórico, entre as décadas de 1860 e 1870 – ainda no período escravista e imperial brasileiro –, foi percebida em termos lefebvrianos (portanto corporal e sensitivamente, na vida de todo dia) por

representantes variados da então nascente opinião pública paulistana. Como a implantação da iluminação pública a gás, das primeiras linhas de bondes a burro, do calçamento, dos serviços de água e esgoto, dos primeiros telefones etc. foi percebida nessa cidade ainda fortemente rural e provinciana, em meio a transformações socioeconômicas, demográficas e urbanísticas mais amplas tributárias da prosperidade das exportações cafeeiras em meio à crise final da escravidão no país? Responder essa questão implicou contextualizar social e historicamente representações específicas contidas numa ampla gama de documentos produzidos pela então incipiente opinião pública paulistana: notícias e crônicas jornalísticas, mas também de cartas de leitores, afora atas da Câmara Municipal, relatórios de presidentes de província, fotografias e charges sobre as ruas da cidade.

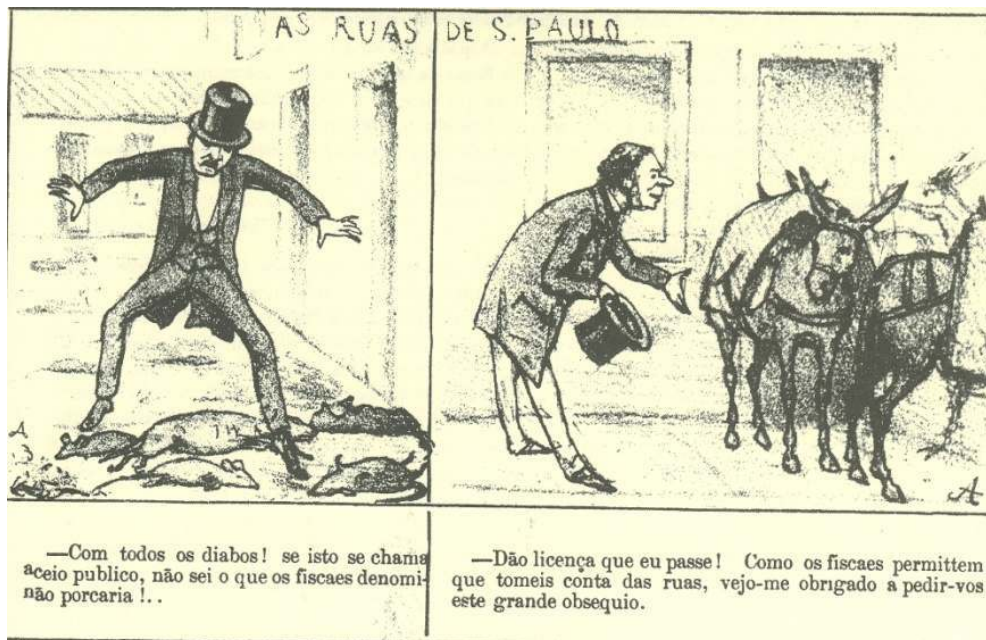


Fig. 5.1: *Cabrião*, 7 de abril de 1867 (© Ângelo Agostini<sup>3</sup>)



Fig. 5.2: Vista sudeste do antigo Largo da Sé, atual Praça da Sé, em 1867 (© Militão Augusto de Azevedo)

- 20 Eram representações acerca de atividades sociais com datas históricas distintas – nos termos do método regressivo-progressivo de Lefebvre ([1951] 2001:63-78) – que então coexistiam nas ruas e largos do atual centro histórico de São Paulo: de um lado, o comércio ambulante, o despejo de dejetos domésticos nas ruas, a criação e comércio de animais, as festas populares – todos historicamente muito antigos; de outro lado, a instalação e o funcionamento dos historicamente recentes serviços de infraestrutura urbana.
- 21 E eis que veio para o primeiro plano da interpretação um tipo urbano de cuja emergência social e histórica em São Paulo a documentação analisada é testemunho privilegiado. Refiro-me ao transeunte, personagem na qual homens, mulheres ou crianças que recebem esse nome nos momentos fugazes em que pelas ruas e praças passam com regularidade, indo e vindo de algum lugar, em circulação entre lugares de moradia, de trabalho ou de lazer, sendo que nas praças apenas permanecem por alguns instantes, descansando da circulação fremente.
- 22 Ao notar a paulatina emergência do transeunte na documentação, fui levada a compreender o caráter social e historicamente muito específico desse tipo urbano em São Paulo: ele – e seu modo de usar física e socialmente as ruas da cidade – não era de forma alguma uma obviedade na cidade da década de 1860; começou de fato a tornar-se mais e mais frequente na documentação no decorrer do intervalo por mim estudado, tornando-se mesmo uma personagem privilegiada pelos cronistas e leitores dos jornais quando o que importava era defender politicamente a instauração da cidade moderna nas ruas de São Paulo.
- 23 Instigada pela descoberta da relatividade histórica e social do transeunte, decidi, no doutorado, inverter a questão (cf. Frehse 2011). Ao invés de me perguntar como a modernidade foi percebida socialmente nas ruas e praças do atual centro histórico de São Paulo, optei por investigar o que o advento da modernidade fez com o dia a dia dos pedestres nesses espaços públicos. E isso para problematizar criticamente uma

representação bastante comum nas ciências sociais e na historiografia: a São Paulo que emerge do processo histórico se consolidaria como “cidade moderna”, marcada por ruas e praças agitadas por multidões frementes, também modernas.

- 24 Mais uma vez na chave lefebvriana, passei a questionar como os pedestres paulistanos viveram – simbolicamente, pela mediação de imagens - dia a dia nos espaços públicos centrais o advento da modernidade na cidade. Foi no âmbito da construção teórica e metodológica desse problema investigativo que as regras de civilidade dos pedestres nas ruas e praças se consolidaram como objetos empíricos privilegiados. Dialogando criticamente com as periodizações estabelecidas pela historiografia sobre o advento da modernidade em São Paulo, busquei em documentos de época variados evidências de como se alteraram, com a crise da escravidão africana no país – abolida em 1888 -, as regras de civilidade dos pedestres nas ruas e praças da cidade. Empreendi aquilo que chamei de etnografia das ruas do passado imaginadas por informantes diversos, respectivamente entre as décadas de 1800 e 1860 e entre aquelas de 1880 e de 1910. De fato, trabalhei com imagens das ruas e largos centrais da cidade contidas em documentos textuais e visuais variados, que abrangem de relatos de viajantes brasileiros e estrangeiros a fotografias de rua também de locais e de estrangeiros, passando por relatos memorialísticos, cartas e diários de antigos estudantes de Direito (na primeira instituição de ensino superior da cidade, a chamada “Academia de Direito”), além de memórias esparsas de velhas senhoras da elite paulistana, afora notícias e crônicas de jornais capitaneados por opiniões públicas nacionais e imigrantes.



Fig. 5.3: Vista sudeste do antigo Largo da Sé, atual Praça da Sé, em 1912 (© Fotógrafo desconhecido; Fonte: Coleção Aparecido Salatini)<sup>4</sup>

- 25 Nessas imagens, que concernem ao que Goffman (1963:14) chama de “idioma corporal”, busquei indícios de representações socialmente mais abrangentes sobre relações socioespaciais dos pedestres nas ruas e largos do centro histórico paulistano. Buscar, com o auxílio do método regressivo-progressivo de Lefebvre, a historicidade de tais representações fez delas mediações reveladoras de regras de civilidade que passaram por



transformações *sui generis* entre os primeiros sessenta anos do século XIX e o intervalo de quarenta anos entre as décadas de 1880 e 1910. O transeunte pôde virar realidade nas ruas e praças paulistanas marcado por modos de comportamento corporal e de interação social que escapam amplamente àqueles que boa parte da bibliografia sociológica europeia e norte-americana sobre os vínculos entre rua e cidade na modernidade oitocentista associa a essa personagem urbana: de um lado, a passagem física regular pelas ruas e a permanência física momentânea nas praças; de outro, a impessoalidade como regra principal de convivência social nesses espaços. Com efeito, em São Paulo o advento da modernidade veio acompanhado da tendência de que os pedestres passem a circular cada vez mais pelas ruas de maneira impessoal; mas isso sem abdicar, dependendo das circunstâncias, de ali se deixar ficar por longos períodos de tempo, em meio a vínculos sociais marcados por aquilo que chamei – apoiando-me na reflexão de Mauss sobre a pessoa e de Roberto DaMatta (1997a, 1997b) sobre os dilemas do individualismo no Brasil – de *personalidade*. A expressão remete a uma regra de interação pautada na relevância constante de posicionamentos simbólicos dos indivíduos no espaço social, e que, em termos históricos, é própria dos referenciais estamentais da Idade Média europeia. Em suma: a circulação impessoal e seu contraponto fenomênico, a permanência momentânea e impessoal nas praças públicas, está longe de consolidar-se como uma norma nos espaços públicos do centro histórico paulistano, a despeito do vigor de transformações econômicas, sociais, culturais e mesmo urbanísticas relacionadas ao moderno, na São Paulo da virada do século XX.

- 26 Assim, foi possível perceber que, tão histórica e socialmente específico quanto o transeunte é a representação de que a rua se define como lugar de circulação, e a representação de que as praças constituem lugares específicos à permanência física momentânea em meio à circulação. Os pedestres paulistanos do período ensinam sobre a relatividade absoluta das regras de civilidade implícitas nessas representações. Prevalece nas ruas mesmo o que chamei de *civilidade transitiva*, de trânsito constante entre regras historicamente estamentais e modernas de comportamento corporal e de interação social. Assim, os pedestres paulistanos sinalizam para uma cidade peculiar. A cidade moderna é, do ponto de vista da rua, cidade de indivíduos. Já em São Paulo, as transformações nas regras de civilidade nas ruas e praças sugerem que a cidade que emerge do processo histórico é uma *cidade de pessoas individualizadas*.
- 27 Quando, à luz dessas descobertas, se contempla etnograficamente – como tenho feito desde o término do doutorado – o mesmo perímetro de ruas e praças estudadas por referência ao intervalo entre o início do século XIX e o início do XX, só que agora por referência ao presente deste início de século XXI, aí é quase impossível não voltar a se questionar sobre eventuais diferenças que o processo de urbanização em São Paulo apresenta, nestes tempos de economia globalizada, frente a outras cidades conceitualmente cultuadas pelos estudos urbanos, em particular pelas sociologias europeia e norte-americana de forte impacto nas ciências sociais brasileiras.



Fig. 5.4: Vista sul da Praça da Sé em direção à catedral em 2012 (© Fraya Frehse)

- 28 É que, sobretudo durante o período comercial dos dias úteis, quando as ruas e praças do centro histórico paulistano ficam mais apinhadas de transeuntes em circulação impessoal, há toda uma gama de homens mulheres e, às vezes, crianças que se caracterizam por ali permanecer com regularidade em meio a movimentações corporais das mais diversas, que vão do espreguiçar o corpo para dormir ao sentar-se quase no chão de cimento de uma praça...

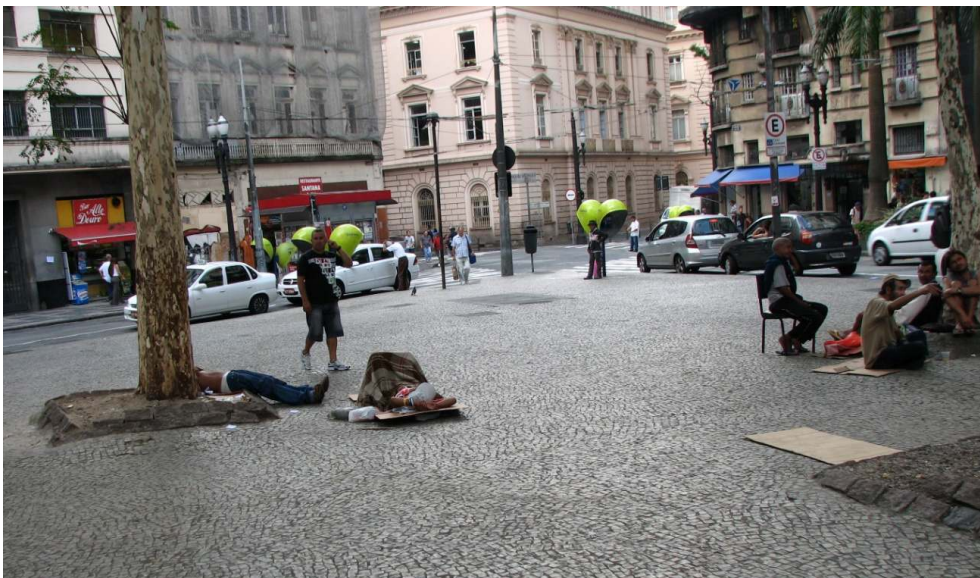


Fig. 5.5: Vista nordeste do extremo norte da Praça da Sé em 2011 (© Fraya Frehse)

- 29 ... e que coexistem no âmbito das interações sociais amplamente pessoais que medeiam atividades sociais também variadas: do comércio ambulante à mendicância, passando pela pregação religiosa, pela cantoria, pelo polimento de sapatos, pela moradia nas ruas etc.



Fig. 5.6.: Vista nordeste do setor ajardinado da Praça da Sé em 2011 (© Fraya Frehse)



Fig. 5.7: Vista norte do setor retangular sombreado da Praça da Sé em 2011 (© Fraya Frehse)

- 30 Ora, trata-se de modos de usar os espaços públicos pautados em regras que, de um lado, possuem uma data histórica bastante antiga – para além do evidente fato de que os corpos são outros, as atividades sociais também, as ruas, praças, a cidade; de outro lado, tais usos contrariam amplamente aqueles que povoam as conceituações sociológicas europeias e norte-americanas de cidade que inspiram vigorosamente os estudos urbanos brasileiros contemporâneos (cf. a respeito Frehse 2013a:–129-130). Com efeito, ao invés do vigor do trânsito, prevalece nos espaços públicos centrais durante os horários mais cotidianos do

dia e da semana a relevância social do não-trânsito: isto é, de todo um conjunto de regras de interação social pela mediação do corpo que tornam possível a permanência prolongada de tais pedestres, *não-transeuntes*, ali, a despeito dos constrangimentos corporais e político-administrativos em favor da circulação de pessoas, veículos e gentes. É na busca das regras de interação social que tornam fenomenicamente possível essa *sociedade da rua* que se faz e refaz dia a dia que venho trabalhando mais recentemente (Frehse 2013b, Frehse/Vidal 2015) – inclusive por meio de comparações com outros contextos urbanos (Frehse 2013a).

- 31 À luz desse breve “sobrevoo” por minha própria trajetória de pesquisa em relação aos usos dos espaços públicos do centro histórico paulistano, espero ter deixado claro que, se o intuito de refletir sobre o que é o Brasil “nos seus próprios termos” me acompanha já desde os primórdios de minha formação em ciências sociais, esse objetivo logo cedo encontrou no estranhamento das relações entre tempo e espaço uma via privilegiada de análise. O meu argumento aqui é de que essa escolha é indissociável de minha condição urbana como pesquisadora especificamente em São Paulo. É isso que pretendo estranhar, mesmo que apenas brevemente, agora, pois evidencia a mediação dessa cidade no meu próprio modo de conhecê-la investigativamente.

## Um pouco de (meu) viver e trabalhar em São Paulo

- 32 Restrinjo-me, nesse sentido, a dois aspectos, um deles relativo a minha formação pessoal na cidade, e outro, a minha formação acadêmica.
- 33 Paulistana de classe média que sou, crescida num bairro de forte imigração alemã situado 10 km ao sul do centro histórico, percebi e vivi São Paulo antes de começar a pensar a seu respeito racionalmente – se lembrarmos da velha distinção proposta por Lefebvre [1974] 2000:49s) para análises do espaço como conjunto de relações: o espaço é vivido simbolicamente por seus habitantes e usuários em meio às pressões de concepções científicas e especulativas de arquitetos, urbanistas e tecnocratas, e a percepções sensíveis ligadas ao uso qualitativo desse mesmo espaço pelo emprego de mãos, pés, do corpo.
- 34 Tendo nascido na São Paulo do início dos anos de 1970, no período mais repressivo e autoritário da última ditadura militar brasileira, pertenço a uma geração que cresceu testemunhando transformações urbanísticas especialmente fortes em São Paulo. Foi naqueles anos que ocorreu aquilo que um historiador da arquitetura brasileira, Benedito Lima de Toledo [1980] 2004), sintetizou como a construção da terceira e última cidade de São Paulo erguida no XX.
- 35 De fato, se foi na segunda metade do Oitocentos – justamente no período por mim focado em detalhes na pós-graduação – que São Paulo se viu engolfada por uma lógica de transformações urbanísticas correspondentes aos padrões especulativos de produção do espaço urbano próprios do capitalismo moderno, na cidade essa dinâmica especulativa desde então tem se reproduzido com especial vigor, no bojo da pujança econômica ligada primeiramente às exportações cafeeiras, depois à industrialização e, mais recentemente, justamente à consolidação da cidade como principal centro de serviços do país. Às fortes mudanças arquitetônicas e urbanísticas em particular no centro histórico durante as primeiras décadas do regime republicano – a partir de 1889 – seguiu-se, entre as décadas de 1930 e 1950, outra grande onda de modificações na materialidade física da cidade. Foi

por testemunhar esse processo que Lévi-Strauss, ao lembrar de seu período em São Paulo entre 1935 e 1937, eternizou em *Tristes Trópicos* (1955:107) a imagem de que “Em 1935 os paulistanos estavam orgulhosos de que se erguia na cidade em média uma casa por hora. [...] A cidade se desenvolve numa tal velocidade que é impossível elaborar-lhe um mapa: cada semana exigiria uma nova edição”. Já a partir da segunda metade da década de 1960, num país já mergulhado em regime de exceção, foi a vez da terceira onda: dessa vez, entretanto, concentrada na consolidação do centro histórico como principal entroncamento dos meios públicos de transporte da cidade (metrô e ônibus), sendo as classes médias e elites cada vez mais incentivadas a instalar-se em bairros mais longínquos, que começaram a ser equipados com condomínios verticais e horizontais e com shopping centers (Nakano/Campos/Rolnik 2004:134-139). À luz desse contexto ganha todo um novo sentido a também já bem conhecida imagem que outro visitante estrangeiro – só que brasileiro –, Caetano Veloso, fez da cidade em 1978, ao associar São Paulo, em sua música “Sampa”, à “força da grana que ergue e destrói coisas belas”.

- 36 Pois cresci na cidade sob o impacto dessa última voga de modificações físicas, que acabaram por afastar e alijar cada vez mais o cotidiano das classes médias do centro histórico da cidade. Se, por exemplo, para os meus pais, esse perímetro nunca deixou de ser sinônimo de “cidade”, eles mesmos foram, com o tempo, levados a frequentar menos o centro em suas andanças cotidianas pela cidade: bancos e repartições públicas como os correios, cinemas e lojas passavam a existir também (e cada vez mais) nos bairros – para não falar no colégio alemão em que meu pai tinha estudado, e onde eu e meus irmãos passamos a estudar: também ele se mudou do centro para um bairro de elite da Zona Sul da cidade. Tudo isso enquanto o centro se consolidava como o centro principal do comércio popular – e ambulante –, e onde cada vez menos parentes e conhecidos moravam; e enquanto casarões antigos eram mais e mais derrubados, extensões residenciais inteiras da Avenida Paulista varridas do chão – o que promovia nostálgicas sessões de compartilhamento de lembranças entre os membros mais velhos da família.
- 37 Se tudo isso ocorria em nome do “progresso” da “locomotiva do Brasil”, propagandeado na mídia e na política, o fato é que, percebo ao escrever estas linhas, também me tornou absolutamente sensível a mudanças físicas no espaço ao longo do tempo. Lembro-me até hoje de minha estupefação ao me deparar no colégio, aos 11 anos, com fotografias comparativas de uma cidade média alemã e notar que, entre o final do século XIX e o final do século XX, tantas casas e edifícios públicos permaneciam quase inalterados, assim como a largura das ruas. Era tudo tão diferente das fotos históricas da família acerca da São Paulo dos anos de 1920 e 1930, em que quase nada daquele passado parecia rastreável na materialidade física dos espaços do presente.
- 38 Se tais características de minha formação pessoal na cidade por si só contribuem para uma sensibilização para as relações entre tempo (histórico) e espaço (físico) em São Paulo, a formação acadêmica também fez a sua parte. Se o contato com a sociologia na Alemanha plantou em mim definitivamente o incômodo para com conceituações da realidade social insensíveis ao que mais tarde aprendi a sintetizar como especificidades socioculturais locais, o mergulho nas Ciências Sociais da USP me ofereceu um ecumênico contato com abordagens europeias, norte-americanas e brasileiras do chamado mundo moderno e, em particular, das cidades, seus espaços públicos e sua vida privada em meio às modas e modos da chamada modernidade – uma problemática bastante em voga na Universidade dos anos de 1990, com as traduções entre outros, para o português, dos livros de Sennett,

de Marshall Berman ([1982] 1982) e da fascinante coleção francesa da *História da Vida Privada* (Ariès/Duby [1985-1987] 1990).

- 39 Na verdade, não deve estranhar o fato de em particular na sociologia os parâmetros conceituais estrangeiros serem transpostos para a realidade brasileira de forma frequentemente paradigmática – povoando, por exemplo, as ruas de São Paulo. Com efeito, a USP do início da década de 1990 tentava se recuperar de décadas de ditadura militar, que se traduziram, de um lado, no constrangimento político aos pesquisadores explicitamente comprometidos com a sociologia que era ensinada na USP antes do golpe. Era uma sociologia inspirada no preceito básico da missão francesa que fundou a Universidade, e concentrada justamente em consolidar aquilo que Roger Bastide (1987:188) sintetizou como “uma sociologia brasileira”, conceitualmente sensível às especificidades locais. De outro lado, e muito fortemente ligado ao primeiro aspecto, as décadas de exceção se traduziram, na USP, numa valorização excessiva de referências conceituais europeias e norte-americanas, transpostas de maneira acrítica e instantânea aos fenômenos sociais empiricamente observáveis no Brasil.
- 40 Em face desse contexto, foram no mínimo três as influências acadêmicas que me ajudaram, naquele início de formação, a transformar em problemas investigativos as minhas inquietações de antes em relação às especificidades locais e às relações entre tempo e espaço em São Paulo. Foi crucial, de um lado, o contato com abordagens sociológicas específicas da vida cotidiana – em especial as vertentes fenomenológicas norte-americanas e as dialéticas francófonas que conheci no curso de Martins. De outro lado, foi decisivo o contato com ensaios clássicos de interpretação do Brasil produzidos entre os anos de 1920 e 1960, no âmbito de uma área investigativa que, no Brasil, recebe o nome de “pensamento social brasileiro”. Pude assim notar que a minha busca por pensar o Brasil “nos seus próprios termos” encontrava abrigo em toda uma tradição mais ampla da intelectualidade brasileira que teve como florescer em especial na USP de Bastide, de Florestan e de seus assistentes. Enfim, foi fundamental o aprofundamento em teorias da antropologia: em particular nas abordagens devotadas a temáticas urbanas e históricas, no fundo concentradas em dissecar espaço e tempo em termos antropológicos.
- 41 Assim, a preocupação difusa com as especificidades brasileiras e com aquilo que hoje reconheço como sendo as relações entre tempo (histórico) e espaço (físico) em São Paulo pôde se traduzir em pesquisa urbana: em especial nas investigações que sintetizei anteriormente. Contempladas em conjunto hoje, à luz do questionamento que norteia este Simpósio, reconheço como comum a minhas pesquisas sobre São Paulo um mesmo interesse por problematizar como os indivíduos, em seu dia a dia na cidade, se relacionam com os espaços públicos – às vezes virtuais (anúncios de jornal), outras vezes físicos (ruas e praças) – submetidos a fortes transformações temporais. Afinal, tanto a preocupação com as especificidades socioespaciais da modernidade em São Paulo tal como essas se apresentam na vida cotidiana, quanto, mais recentemente, o interesse, também no nível da vida cotidiana, pelas especificidades da urbanização em São Paulo nos atuais tempos de globalização econômica, dizem respeito à mediação temporal nos fenômenos espaciais – e vice-versa.
- 42 Mas, se é assim, então essa questão não poderia ser abordada à revelia de minha própria – muito pessoal e paulistana – sensibilidade pelos vínculos entre tempo e espaço. De fato, a historicidade das mudanças constitui uma parte do problema a ser investigado e, mesmo – na pesquisa sobre a *sociedade da rua* – uma hipótese a ser verificada. Qual a densidade histórica das regras de uso das ruas e praças situadas fisicamente num perímetro que, já

bastante remodelado desde o final do século XIX, nem por isso se encontra desprovido de densidade histórica? A circulação de transeuntes provém, em São Paulo, do final do século XIX; a permanência momentânea nesses espaços, dos idos coloniais. E outras regras? Eis a questão.

- 43 Para operacionalizar essas buscas metodologicamente, nada como concentrar-se, cada vez mais, nos usos que os indivíduos fazem do espaço pela mediação de seus corpos. Como esses usos estão embebidos de sentidos comuns socialmente compartilhados, a temática “pede” uma problematização fenomenológica, atenta em particular às descobertas de Erving Goffman acerca das regras envolvidas no chamado idioma corporal. E como as regras que medeiam esses usos podem ter também – eis a hipótese na qual venho trabalhando – uma significativa densidade histórica, a temática acaba por incitar também ao emprego do método regressivo-progressivo lefebvriano. Congregando a dimensão operacional dos métodos de investigação e a dimensão interpretativa dos métodos de interpretação, ele vem me auxiliando a identificar empiricamente e a problematizar conceitualmente a historicidade dos vários tempos históricos que coexistem e simultaneamente acabam por contribuir na produção da materialidade e imaterialidade do espaço, nas ruas e praças do centro histórico paulistano do presente.

## Considerações finais

- 44 Se contemplada à luz do exercício de estranhamento que aqui empreendi, a minha trajetória de pesquisa em relação a São Paulo se revela intrinsecamente ligada ao meu modo pessoal – social e historicamente forjado – de perceber essa cidade. A busca pelos usos dos espaços públicos urbanos é também uma busca pelos sentidos que os seres humanos dão a suas vidas num contexto urbano em que a relação entre tempo e espaço é muito peculiar, marcada por enorme fugacidade da materialidade física que se corporifica na pedra de uma casa, de uma calçada, no asfalto de uma rua, num banco de praça. Se lembrarmos que Maurice Halbwachs ([1950] 1997:195) associou a possibilidade da memória coletiva a certa permanência das “formas dos objetos” e do “lugar que esses ocupam no conjunto”, então a questão ganha uma relevância *sui generis*: como fica a memória coletiva frente a espaços marcados por tal fugacidade? Sobretudo se consideramos que, em megacidades como São Paulo, a própria população é fugaz, um grande ajuntamento de gente provinda dos mais diversos lugares, e com tradições também específicas de uso de ruas e praças – no caso de terem sido socializados em cidades.
- 45 Sei que São Paulo não é única nisso. Mas sei também que o desprendimento em relação à materialidade física ali – por parte do poder público, por parte dos próprios habitantes – é significativamente séria. E isso por comparação justamente à cidade que hoje mais de São Paulo se aproxima em termos demográficos: a Cidade do México.
- 46 Se totais demográficos certamente não definem fenômenos sociais – como sabemos no mínimo desde Émile Durkheim ([1895] 1966:6) –, eles de todo modo são evidências de outros processos sociais reveladores sobre o quanto nos une e o quanto nos separa, como megacidades, nos dias de hoje. Pelo que tenho podido aprender, na Cidade do México ao menos alguma memória – a asteca – tem conseguido congrega poder público e população em torno da preservação de determinados espaços públicos. Em São Paulo hoje o desencontro é amplo, o consenso, inexistente. Menos do que julgar, cabe compreender essa diferença.

- 47 Pessoalmente, tenho tentado fazer isso por referência à questão bem minha e paulistana sobre os vínculos entre tempo histórico e espaço urbano. E é também por isso que estar aqui hoje é tão especial. Pela possibilidade de debater com vocês também como tais relações entre tempo e espaço se expressam nos usos das ruas do DF nos dias de hoje.
- 48 Trocando a respeito de tal temática, talvez possamos compreender melhor a *complexidade histórica* da humanidade que vai se produzindo e, simultaneamente, sendo produzida em nossas megacidades na atualidade pela mediação do modo como o espaço é vivido temporalmente pelos moradores e habitantes dessas urbes em seu cotidiano. O que chamo de complexidade histórica diz respeito a regras de conduta que emergiram e se consolidaram em momentos históricos passados e que atuam de modo vívido no presente, contrariando amplamente os esforços periódicos de nossos poderes públicos para disciplinar o uso das ruas e praças.
- 49 À luz do vigor sempre renovado dessas regras, evidencia-se não apenas o porquê do fiasco reiterado de tais políticas, mas também o porquê do insucesso das ciências sociais em compreender nossas ruas e praças. Com seus valores relativos ao uso supostamente igualitário dos espaços públicos urbanos por parte dos transeuntes, a modernidade europeia se instalou com vigor na cabeça de nossos políticos e pesquisadores urbanos. E isso embora revelem o contrário os usos cotidianos que vários deles fazem das ruas e praças de nossas cidades pela mediação de seus corpos – seja jogando papel no chão ou estacionando em fila dupla etc.
- 50 Porém, eles não sabem disso. E não é por ignorância. É que a condição urbana impregna mais a nossa sensibilidade, o nosso corpo, do que nossa mente. Para discerni-la, nada como o estranhamento. E eis que voltamos ao objetivo básico do Simpósio que deu origem a este dossiê.

---

## BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. [1985-1987] 1990. *História da Vida Privada*. 5 vols. Trad. H. Feist et al. São Paulo: Companhia das Letras.

BASTIDE, Roger. 1987. “Entrevista com Roger Bastide [por Irene Cardoso]”. *Discurso* n.16: 181-197.

BERMAN, Marshall. [1982] 1982. *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar*. Trad. C. F. Moisés ; A. M. L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras.

DaMATTA, Roberto. [1979] 1997a. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Rocco.

DaMATTA, Roberto. [1985] 1997b. *A Casa & a Rua*. Rio de Janeiro: Rocco.

DURKHEIM, Émile. [1895] 1966. *As Regras do Método Sociológico*. Trad. M. I. Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. 2000. “Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity. Researcher as Subject”. In: N. K. Denzin; Y. S. Lincoln. (orgs.), *Handbook of Qualitative Research*. 2. ed. Thousand Oaks et al.: Sage. pp. 733-768.



- FERNANDES, Florestan. 1963. *A Sociologia numa Era de Revolução Social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- FREHSE, Fraya. 1996. “‘Classiline’: Diversão ou solução? Reflexões sobre a sociabilidade a partir do jornal em São Paulo”. In: Laboratório de Análises de Sociabilidade Contemporânea (org.), *Sociabilidades*. São Paulo: Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, pp. 105-130.
- FREHSE, Fraya. 2005. *O Tempo das Ruas na São Paulo de Fins do Império*. São Paulo: Edusp.
- FREHSE, Fraya. 2011. *Ô da Rua! O Transeunte e o Advento da Modernidade em São Paulo*. São Paulo: Edusp.
- FREHSE, Fraya. 2013a. “Os tempos (diferentes) do uso das praças da Sé em Lisboa e em São Paulo”. In: C. Fortuna; R. P. Leite. (orgs.), *Diálogos Urbanos*. Coimbra: Almedina, pp. 127-173.
- FREHSE, Fraya. 2013b. “A rua no Brasil em questão (etnográfica)”. *Anuário Antropológico/2012*, v.38, n.2: 99-129.
- FREHSE, Fraya; VIDAL, Dominique. 2015. “Les territoires de l’attente comme territoires moraux”. In: Vidal, Laurent; Musset, Alain (orgs.), *Les territoires de l’attente. Migrations et mobilités dans les Amériques (XIXe - XXI siècle)*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, pp. 173-193.
- GOFFMAN, Erving. 1963. *Behavior in Public Places*. New York/London: The Free Press/Collier-Macmillan Limited.
- GOFFMAN, Erving. 1967. *Interaction Ritual*. Garden City: Anchor Books.
- GOMES, Paulo César da Costa. 2002. *A Condição Urbana: Ensaios de Geopolítica da Cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- HALBWACHS, Maurice. [1950] 1997. *La mémoire collective*. Paris: Albin Michel.
- LEFEBVRE, Henri. [1968] 2009. *Le droit à la ville*. Paris: Economica.
- LEFEBVRE, Henri. [1970] 2001. *Du rural à l’urbain*. Paris: Economica/Anthropos.
- LEFEBVRE, Henri. 1970. *La révolution urbaine*. Paris: Gallimard.
- LEFEBVRE, Henri. [1974] 2000. *La production de l’espace*. Paris: Economica/Anthropos.
- LEFEBVRE, Henri. 1992. *Éléments de rythmanalyse*. Paris: Syllepse.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1955. *Tristes tropiques*. Paris: Plon.
- LÖW, Martina. 2013. “O *spatial turn*: para uma sociologia do espaço”. Trad. Rainer Domschke & Fraya Frehse. *Tempo Social*, 25 (2): 17-34.
- MARTINS, José de Souza. 1997. “Sociologia e militância: Entrevista com José de Souza Martins”. *Estudos Avançados*, v.11, n.31: 137-187.
- MAUSS, Marcel [1950] 1997. *Sociologie et anthropologie*. Paris: Quadrige/Puf
- NAKANO, Kazuo; ROLNIK, Raquel; CAMPOS, Cândido M. 2004. “Dinâmicas dos subespaços da área central de São Paulo”. In: A. Comin; N. Somekh (orgs.), *Caminhos para o Centro*. São Paulo: PMSP/CEBRAP/CEM, pp. 123-158.
- SENNETT, Richard. [1974] 1988. *O Declínio do Homem Público*. Trad. L. Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras.
- SIMMEL, Georg. [1903] 1967. “A metrópole e a vida mental”. Trad. S. M dos Reis. In: Velho, Otávio G. (org.), *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 13-28.

TOLEDO, Benedito Lima de. [1980] 2004. São Paulo: Três Cidades em Um Século. São Paulo: Cosac Naify.

## NOTAS

1. Trata-se, por isso mesmo, de uma perspectiva bem diversa daquela que inspira a noção de “condição urbana” de certo pensamento geográfico (Gomes 2002).
2. Trata-se de alargamentos físicos triangulares das ruas fronteiras a igrejas, e que prevaleceram nas cidades brasileiras durante todo o período colonial; as praças são próprias da modernidade do final do Oitocentos.
3. Fonte: *Cabrião. Semanário humorístico editado por Angelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis, 1866-1867*. Edição fac-similar. 2ª ed. rev e ampl. São Paulo, Editora UNESP/Imprensa Oficial, 2000, p. 213.
4. Agradeço a este importante colecionador de iconografia paulistana do passado pela generosidade com que me cedeu a imagem em questão para os fins deste texto.

---

## RESUMOS

Como será que o cotidiano de nós, pesquisadores urbanos, nas cidades em que vivemos, repercute em nossa trajetória investigativa sobre tais cidades? Argumento neste estudo que há inquietações intelectuais derivadas de nossa *condição urbana*, por assim dizer. Basta assumir o urbano em termos lefebvrianos; isto é, como referência metodológica para refletir sobre as contradições históricas que impregnam a vida cotidiana na cidade como espaço que simultaneamente favorece e dificulta, de modo privilegiado, o encontro e a simultaneidade das diferenças. Situar cultural e socialmente minhas próprias inquietações intelectuais a respeito de São Paulo na história dessa cidade a partir da década de 1970, mostra que a opção investigativa dos usos das ruas e praças públicas, em particular do centro histórico paulistano, mas também abordagem específica que venho desenvolvendo acerca de tais usos derivam, entre outros, de um impacto existencial muito definido que viver e trabalhar nessa cidade tem exercido sobre minha trajetória intelectual. A São Paulo do presente me interpela constantemente acerca da relatividade dos vínculos que o tempo nutre com o espaço.

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** São Paulo (história), tempo, espaço, urbano, trajetória intelectual.

## AUTOR

FRAYA FREHSE

Departamento de Sociologia - USP